

OS VENTOS DA AMÉRICA LATINA, POR RAQUEL OCHOA

Latin America's winds, by Raquel Ochoa

Raquel Baltazar y Rita Amorim

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas / CAPP (Universidade de Lisboa)
(Portugal)

Este artigo analisa *O Vento dos Outros* (2012), de Raquel Ochoa, uma autora Portuguesa contemporânea que apresenta um conjunto de *crónicas* de viagem da América Central à América do Sul, numa narrativa de olhar feminista em questionamento identitário com o Outro local. Apaixonada pela escrita e pelas viagens, a autora vagueia sem rumo como o vento pelos Andes desde a Costa Rica até à Patagónia na Argentina com o objetivo de uma imersão cultural afastando-se de um périplo mais comercial. Inserindo-se na literatura de viagens a procura do(s) outro(s) revela a alteridade e traça um retrato crítico das difíceis condições de vida dos povos da América Latina, resultantes dos processos de colonização e de globalização. Os encontros e aventuras pessoais misturam-se numa literatura dos sentidos revelando as paisagens, as gentes e os ventos da América Latina a partir de uma perspetiva transatlântica.

Palavras-chave

Raquel Ochoa, estudos transatlânticos, literatura de viagens, *crónicas*, América Latina

This article analyzes *The Wind of Others* (2012), by Raquel Ochoa, a contemporary Portuguese author who presents a set of travel chronicles through Central and South America, from a feminine perspective in search of identity and questioning the native Other. Passionate about writing and travelling, the author wanders aimlessly like the wind through the Andes from Costa Rica to Patagonia in Argentina to emerge in the local culture away from the more commercial tours. As part of travel literature, the search for the Other(s) reveals alterity and traces a critical portrait of the plight of the peoples of Latin America, which result from the processes of colonization and globalization. The personal encounters and adventures blend in a literature of the senses revealing the landscapes, the peoples and the winds of Latin America from a transatlantic perspective.

Keywords

Raquel Ochoa, Transatlantic Studies, Travel Literature, chronicles, Latin America

Viajar com os ventos que nos levam

Segundo Quinteiro & Baleiro, a viagem ou o ato de viajar são, «indubitavelmente, o elemento central a partir do qual se exploram temas e imagens» (2014, p. 10). Raquel Ochoa constata esta mesma premissa tendo afirmado em entrevista que escreve para não esquecer o que viu e viveu (2012). Para Vilas-Boas na atualidade, a viagem reformula a vivência de espaços físicos e sociais de forma muito própria em que «Novas aventuras, novos contactos, novas visões irão modificar o viajante, a sua identidade, mas também o modo como irá perceber o seu mundo. Cada viajante estabelece a sua cartografia pessoal, dentro de uma cartografia mais abrangente, mais global» (2014, p. 46). Na construção desta definição de literatura de viagens, Cecília Meireles reforça que o viajante «é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspeto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente até o futuro – um futuro que ele nem conhecerá» (1999, p. 101).

O *Vento dos Outros* (2012) começou como um diário de uma viagem de seis meses pelos trilhos dos Andes desde a Costa Rica até à Patagónia (América do Sul e Central) resultando numa série de *crónicas* de viagem; 1) *Atlântico e Pacífico, o mesmo mergulho* (Costa Rica), 2) *Terras Altas* (Peru), 3) *Com rumo e sem norte* (Chile), 4) *Entrar na Patagónia* (Argentina). Neste livro, Raquel Ochoa apresenta uma narrativa na qual a viagem surge como mote para um diálogo identitário com a alteridade. Como sugere Myra Shackley no *Atlas of travel and tourism development* (2006) viajar é uma atividade tão antiga como a própria existência humana e é condicional à sua evolução em especial em termos de tecnologia e economia. O escritor de viagens é um contador de histórias do real contando histórias do *Outro*. Como em outros escritos de viagens, o tema destas *crónicas* é a própria viagem, sendo que a narradora é transformada pela mesma: «certos locais, uma vez pisados, nunca mais te deixarão ser a mesma pessoa» (Ochoa, 2012, p. 62). Viajar sem planos «com rumo e sem norte» (p. 113), guiada pelo sol que «erradicava a vontade de pensar» (p. 38) leva a narradora numa viagem de imersão cultural e social, percorrendo os mais longos, mais duros, mais desérticos e menos turísticos trilhos rudimentares «renunciando à bem mais cómoda viagem pelo litoral» (p. 53). Este contato com o *Outro* nativo leva o leitor a uma paisagem menos comercial mas que o coloca em permanentes confrontos. Alguns dos momentos de solidão, inevitável, mas até desejável, de «contemplação quieta e egoísta, longe de todos, [...] fácil [de] cair no vício do silêncio» (p. 122)

colocam a narradora numa situação de familiaridade como se pertencesse à paisagem: «Sei que em qualquer momento, ainda agora, se fechar os olhos, é fácil transportar-me para lá, como se ali tivesse vivido toda a minha vida. Como se nunca de lá tivesse saído» (p. 102). Este contato com um espaço transatlântico leva a protagonista a questionar a sua própria identidade, identificando uma pertença intemporal aos elementos naturais que encontra. A partir da alteridade, Ochoa reflete sobre o *Outro* transatlântico, simultaneamente próximo e longínquo, conhecido e desconhecido numa visão ímpar da América Latina. Segundo Nuno Júdice, «A descoberta do espaço da viagem é vivida do mesmo modo por aquele que lê e aquele que viaja, neste género literário em que a verosimilhança, o efeito de realidade, o mimetismo linguagem-mundo, fazem parte da condição *sine qua non* de testemunho que o texto deve ter para convencer o seu leitor a respeito daquilo que conta» (Júdice, 1997, p. 621). Segundo Ferreira, as motivações pessoais, a determinação e a curiosidade motivam o escritor de viagens a percorrer um determinado caminho retratando ao mesmo tempo «um estado de espírito, uma atitude, um comportamento, uma experiência pessoal e coletiva cheia de significados» (2009, p. 1), revelando uma perspetiva humanista. De fato, a viagem corresponde ao que Magris (2005) define como um vaguear pelo mundo, onde o sujeito se deixa passar passivamente pela corrente. Ochoa demonstra um profundo conhecimento da realidade da América Latina, os seus contextos sociais e políticos expondo igualmente os contextos históricos e geográficos dos povos e das suas civilizações místicas. A escritora portuguesa apresenta histórias e lendas locais assim como fotografias privadas de pessoas e modos de vida numa alternância entre o português e o espanhol, revelando não só uma incursão cultural mas também linguística, sendo a língua espanhola adicionada para dar voz ao espaço. Esta inclusão foi assinalada por Trindade como um fator importante para a imersão social (2017, p. 102). Ochoa hospeda-se em casas pobres, pensões modestas (ou até num cubículo sem luz) carregando uma mochila e experimentando a vivência terrena destes *Outro(s)* distantes «diferentes, até mesmo exóticos» (Trindade, 2017, p. 99) imergindo nas suas culturas. No caminho da alteridade, na procura da identidade do *Outro* e da sua, a autora torna-se o «*Eu* que escreve sobre a experiência pessoal como caminho para a autodescoberta e para a descoberta do *Outro* com quem o *Eu* se cruza» (Soares, 2017, p. 131). Ao mesmo tempo, a sua presença se revela o *Outro* para o nativo, «Foi esse o momento em que por fim entendi o ónus espiritual do vento dos outros» (Ochoa, 2012, p. 193).

Ochoa descreve na primeira pessoa as paisagens e os povos da América Latina através dos sen-

tidos, transformando o leitor numa testemunha participante: «Mas agora estava *in loco*, sentia o cheiro deles, entendia em que frequência vive este povo tão diferente» (p. 47). Quem lê imerge nas culturas, tradições e identidades orientado pela observação e personalidade que segundo Frus (1994) são as características primordiais de um escritor de viagens. Em Raquel Ochoa, o leitor é guiado pela sensibilidade feminina, metafórica e maternal: «Saí daquele lugar com a tranquilidade anestesiada nos meus braços» (p. 62). Vilas-Boas reforça esta posição afirmando que o

«Eu» textual encontra um «tu», o leitor – e vice-versa – há uma convergência entre os dois. Enquanto o primeiro estagna num texto «definitivo» (passível de reedições, obviamente), fixando a identidade textual, o segundo é uma identidade aberta, em progresso permanente. São diferentes modos de viver e experienciar a solidão da viagem de um e de outro lado do texto, da vida durante a viagem. À solidão do viajante, corresponde a solidão do viajante textual e a do leitor. (2014, p. 48).

Do outro lado do Atlântico

Sobrevoando o oceano, no espaço de transição em que um avião nos coloca, pensamos nas coisas mais improváveis e os sonhos seguem o seu rumo sem travões. Parece que somos mais leves, mais imunes à incompreensibilidade da vida. (Ochoa, 2012, p. 15).

O *Vento dos Outros* apresenta as difíceis condições sociais, desigualdades e injustiças sofridas por alguns povos da América Latina onde «a pobreza mandava nas ruas» (p. 103) ou como Soares assinalou relativamente a algumas localidades no Brasil, nas «franjas do ostracismo social» (2016). As dificuldades que assolam os habitantes locais que vivem na periferia dos centros turísticos, «são bastante ignoradas pela imprensa local e internacional» (Trindade, 2017, p. 93), pois são pessoas que pertencem a «sectores da população que, até agora, não receberam qualquer reconhecimento público» (p. 99) e não configuram as páginas dos registos históricos ou roteiros de viagem. Uma verdade inconveniente e que revela as disparidades sociais que existem na América Latina «onde o ponto de fervura aconteceu há muitos anos. E aí continua [...] deixando-me viajar sem ambições de querer perceber mais do que era acessível, mas com a evidente constatação das desigualdades sociais e culturais» (Ochoa, 2012, p. 162). A América do Sul é apresentada como um «continente de vulcões com uma sociedade em convulsões» (p. 161) onde «existem exigências e

acusações de violação sistemática dos direitos humanos por parte das autoridades» (p. 145).

Estas *crónicas* de Ochoa revelam o contexto social, cultural e político de alguns países da América do Sul onde «determinadas manifestações religiosas [...] estão intimamente vinculadas a reivindicações políticas e sociais» (p. 74). A escritora portuguesa exemplifica a situação do Peru como uma «nação conturbada» (p. 56) e pautada pelo abuso dos direitos humanos, da corrupção e das constantes violações da lei; «a modernização económica beneficiou apenas um sector reduzido enquanto à generalidade da população são exigidos enormes sacrifícios, com centenas de milhares de famílias a viver no limiar da pobreza» (p. 56). Ochoa viaja com os nativos para o trabalho às cinco da manhã em autocarros cheios, velhos e desconfortáveis onde «cheirava mal, os bancos estavam sujos de suor, de terra, de restos de comida» (p. 64). Os Peruanos são descritos como pessoas trabalhadoras, simpáticas e de boas maneiras mas fechados e sem interesse pelos estrangeiros. As populações urbanas variam desde os camponeses que não tomam banho, não limpam as unhas e não lavam a roupa, aos que cospem no chão do autocarro e atiram o lixo pela janela fora do autocarro num retrato bastante visual e sensorial.

Por outro lado, Ochoa questiona de forma retórica as mudanças sociais e o impacto negativo do turismo e do comércio internacional na produção local: «até que ponto a boa vontade e os valores dos que se arrogam mais autóctones serão coincidentes com o desafio mundial que quase todos os cantos do mundo são obrigados a aceitar com a instalada globalização? E os seus métodos? Não atropelarão também tantas vezes a dignidade humana?» (p. 163). Ao mesmo tempo critica os resquícios do colonialismo e imperialismo perdurantes numa sociedade em constante (re)definição identitária. Os edifícios históricos como as igrejas e as catedrais surgem como solenes, «mas até aquela beleza colonial torna implícito um toque de opressão» (p. 48). A mescla de povos e culturas em alguns países Latino-americanos gerou sociedades complexas ou como a autora refere, uma «manta de retalhos» (p. 163). Em Cusco, Ochoa revela a coabitação de dois mundos em conflito, explorador e explorado, «o melhor e o pior, patente à observação de todos. Como se as descendências incas misturadas com a cultura hispânica fossem vendidas ao turismo com raiva, com desprezo sobre si mesmas, vendidas, dinheiro e negócio, sobrevivência e trabalho, ricos e muito pobres» (p. 71). Invasores passados e presentes misturam-se num «local onde o turismo distorceu a paisagem», apropriando-nos aqui da descrição de Soares sobre lugares semelhantes no Brasil. A autora afirma que «há um silên-

cio desconcertante entre os peruanos. Um silêncio que não entendo, nem me é dado de forma alguma a compreender. Sou apenas mais um que chegou e invadiu» (p. 69). A alteridade trocou de lugar, e o Outro estrangeiro chega a ser tratado de forma hostil, «a presença de alguém de fora nota-se com facilidade, é-se frequentemente ponto de convergência de dezenas de olhos negros. Deduzem ser um europeu ou norte-americano» (p. 48). Em Limón (Costa Rica), Ochoa encontra «uma cidade de casas encavalitadas, trânsito agressivo, onde as pessoas, se não tinham uma atitude violenta, se demonstravam desconfiadas» (p. 30) ou «incomodados com a nossa passagem por ali; o simples passear pela rua instigava-lhes a ira, a vontade de gerar conflito» (*idem*). Em Chosica, Peru, «o povo é muito fechado, nunca nos cruzámos com estrangeiro algum e o grau de simpatia para com o forasteiro, em atos tão simples como partilhar um transporte público, traduzia-se numa total indiferença, como se fôssemos invisíveis. E seres invisíveis não têm os mesmos direitos das pessoas normais» (p. 54).

A participação em festividades culturais e religiosas acentua essas mesmas diferenças: «uma cuspidela, um enconção, um roubo, uma sensação de insegurança eram acontecimentos que me punham tão alerta como uma cama lavada» (p. 69). No final da viagem de (auto) descoberta, a América Central e do Sul são apresentadas como um grande algarde de países, raças e sangues, com diferentes heranças culturais e fronteiras étnicas. A palavra «diferente» adquire uma nova dimensão uma vez que em muitos destes territórios da América Latina, os confrontos e o multiculturalismo étnico são bastante antigos.

A imersão muda Ochoa, deixando-a entre dois mundos «em compasso de espera, necessitava de um certo tempo para compreender este novo mundo, ainda a sentir o ar dos Andes nos pulmões» (p. 115). O estilo de vida apressado das grandes metrópoles onde: «senhores engravatados corriam para os empregos com o mesmo stresse que confere credibilidade a qualquer *yuppie* da Europa» (p. 51) deixa de lhe fazer sentido.

Olhar feminino guiado pelo vento

Em *O Vento dos Outros* as paisagens são catalisadas pelo olhar feminino, pelas tonalidades, odores e sons. Os sentidos revelam uma sensibilidade e respeito pela paisagem e pelo Outro. Ochoa, narradora viajante envolve-se com o ambiente: «tudo o que oferece à Pachamama [Mãe Natureza], ela devolve-te... no mínimo» (p. 89). A descrição metafórica revela uma simbiose com a natureza «mas o dia já estremecia do outro lado da noite e adormecemos

sem resistência» (p. 21) e «os bichos do dia tinham rendido a guarda aos da noite, escutava-se» (p. 25). O fascínio pelo ambiente causava reações físicas: «sentia-me invadida, tanta energia algemava-me» (p. 118) e «a cada gesto, sentia os Andes no meu corpo, tinha-os nas dores musculares» (p. 101). A comunhão com o espaço envolvente levava a narradora a um estado desejado de isolamento «Naqueles dias tinha vontade de correr, de fugir para longe, quanto mais longe, melhor. Sabia que a paisagem tinha muita força» (p. 155). A experiência solitária e de imersão gerava uma necessidade contraditória de companhia onde *Pura Vida*, um cão adotado se torna num companheiro de viagem. O olhar feminino é igualmente retratado na forma como era percebida pelo Outro. Muitas vezes foi questionada sobre a sua identidade de mulher europeia, sozinha em viagem revelando uma independência desconcertante.

O amor é igualmente apresentado de forma romântica e feminina, quando «surge é para sempre, depois passa» (p. 136). Para Ochoa, o ato de fazer amor acontece quando «o ser humano esquece os constrangimentos, esvazia-se de qualquer pensamento e entra por segundos no meio da intensidade do outro, que é já a sua» (p. 136). A alteridade desvanece-se num discurso corporal, «ardemos com tanta paixão que até adormecemos dentro dos sonhos um do outro» (p. 185). E é no amor ao Outro, à paisagem e à natureza que Raquel Ochoa se encontra. Como a autora refere, a partir destas crónicas o leitor faz uma viagem e «Viajar, à semelhança de escrever ou guerrear, é um frívolo segundo de desabafo; é uma meditação e um descanso. É viver de ideias novas, porque nunca estancam. Uma viagem é uma obra por fazer. É como uma vida inteira, em ponto pequeno, Viajar é ser um pouco vento, participar da sua magia de forma microscópica» (p. 9).

Como foi referido, o vento tem um papel condutor ao longo de toda a obra apresentando-se de forma variada: «De repente, não bastava estar na terra do vento. Estava na terra que se fez vento!» (p. 191). Por entre paisagens desconhecidas, o vento tornou-se o companheiro personalizado, implacável e «perturbado» (p. 104), «repleto de personalidade. Passa, mas nunca fica» (p. 193). É «o senhor daquelas bandas, sentia-se, via-se, escutava-se, tinha cheiro a independência» (p. 163). É o «louco, como nunca o tinha visto, arrancava-me do chão se quisesse» (p. 192). Poderoso, «deu a autorização às primeiras pingas da chuvada diária» (p. 175). O seu som é como uma música «voando pelos confins dos desfiladeiros que não existem» (p. 131) seguido por «milhares de sons, muitas vezes pareciam vozes, quantas vezes me virei de repente para trás, sentindo que alguém me chamava, ou praguejava,

ou ronronara, ou simplesmente assobiava» (p. 192). Segundo a narradora, existem mesmo localidades como a Patagónia, «viciada na sua orquestra de vento, que foge dos apegos e das raízes, das moradas e dos países» (p. 194). Contudo, a ausência do vento também é notada: «jamais um silêncio se apoderou de mim. Nunca ouvira um silêncio tão mudo. Constrangia-me respirar» (p. 60). O vento está entranhado nos Outros, concedendo-lhes identidade. Orlando, um índio Nativo Americano, «replacava abrindo bem a boca antes de começar, como se fosse soprar vento e não palavras» (p. 24) e inseria a leitura na sua vida como «uma ventania desordeira» (p. 23). As descrições físicas e emocionais revelam uma escritora em comunhão com o espaço e no questionamento com o Outro, revelando o vento que habita igualmente em si.

Considerações finais

Em *O Vento dos Outros*, o olhar luso-europeu de Raquel Ochoa sobre o Outro sul-americano revela um diálogo com a alteridade a partir de uma imersão cultural e social expondo o contexto histórico e político da realidade da América Latina. A viagem reescreve a identidade a partir da vivência de espaços físicos e sociais modificando a percepção do viajante, não só sobre o Outro mas igualmente sobre si.

O elemento de contato nesta obra é o vento, o mesmo que guiou os navegadores europeus às Américas na Era dos Descobrimentos e que agora atrai e conduz Raquel Ochoa. O encontro transatlântico com o Outro revela a América Latina, um mosaico de multiculturalidade étnica cheio de disparidades sociais e uma terra além-mar que modifica a identidade da protagonista e que nunca mais a deixará ser a mesma pessoa.

Fontes e bibliografia

- Ferreira, R. (2009): «Interacionismo e as percepções de compra da experiência turística», *Biblioteca Online de Ciências de Comunicação*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ferreira-raquel-interacionismo.pdf>
- Frus, P. (1994): *The Politics and Poetics of Journalistic Narrative*. New York: Cambridge UP.
- Júdice, N. (1997): «A viagem entre o real e o maravilhoso», Falcão, A. et al. (orgs): *Literatura de Viagem. Narrativa, história, mito*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Magris, C. (2005): *El infinito viajar*. Barcelona: Anagrama.
- Meireles, C. (1999): *Cecília Meireles: Crônicas de Viagem*, vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ochoa, R. (2012): *O Vento dos Outros*. Lisboa: Marcador.
- (2012). «O Vento dos Outros, de Raquel Ochoa Pinto», Pinto, A. (realizador), Sampaio, T. (produtora): *Ler Mais, Ler Melhor*. Setembro 6. FILBOX produções para RTP Informação. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=gFbwqsa_sfA
- Quinteiro, S. & Baleiro, R. (2014): «Uma personagem à procura da literatura: A ficção literária e a prática turística», *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, n.º 24 – Special Issue, *Languages, Literature and Tourism*. Algarve: ESGHT.
- Shackley, M. (2006): *Atlas of travel and tourism development*. Oxford, Massachusetts: Butterworth-Heinemann, Elsevier.
- Soares, I. (2016): «From Amazonas to the Northeast: Brazil under the gaze of a Portuguese literary journalist», *Revista Famecos*. Porto Alegre, 23. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24664>
- (2017): «Book review: A Global Context for the Weapons of Storytelling», *Literary Journalism Studies*, 9, n.º 2, pp. 130-133.
- Trindade, A. (2017): «Keynote Address. Literary Journalism: Many Voices, Multiple Languages», *Literary Journalism Studies*, 9, n.º 2, pp. 93-107.
- Vilas-Boas, G. (2014): «Olhares sobre a Patagónia», *Cadernos de Literatura Comparada – 30, De Idas e Regressos: Declinações da Viagem*. Disponível em: <http://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/290>